

Apresentação do livro: "Despertar da adolescência. Freud e Lacan leitores de Wedekind"¹

Mario Elkin Ramírez

Este livro se sustenta na seguinte tese: a partir da exegese dos breves textos e das escassas referências de Sigmund Freud e de Jacques Lacan, enquanto leitores de Frank Wedekind, é possível reconstruir uma concepção psicanalítica sobre a adolescência. Tal concepção está implícita nessas fontes e esse livro pretende tê-la explicitado.

Em 1980, dez anos antes de "A interpretação dos sonhos"², o dramaturgo alemão Frank Wedekind escreve a peça teatral *Despertar da primavera*³. Estudada tanto por Freud como por Lacan, a peça deu origem à dita concepção psicanalítica da adolescência, tendo no último se mantido inédita e convertida em um texto de três páginas, chamado *Prefácio ao Despertar da primavera*, escrito em 1974⁴, e no primeiro em uma discussão de página e meia, registrada na ata da sessão de 13 de fevereiro de 1907 da Sociedade Psicanalítica de Viena⁵, em que a peça teatral foi debatida de forma bastante animada.

Em sua obra, o dramaturgo antecipa literariamente através de seus personagens algumas profundas observações e descrições psicológicas sobre a adolescência, que em seguida, pelo rigoroso caminho da psicanálise, Freud e Lacan explicitariam em seus breves comentários.

O original dessa investigação é a produção de um novo saber que consiste em ter confirmado a hipótese e, conseqüentemente, ter feito emergir a concepção da adolescência, desprendida do exame crítico e da exegese

dessas fontes pouco exploradas na psicanálise, em que essa concepção estava implícita.

O capítulo 1 desse livro, "Sentido e gozo nos sonhos e fantasias, segundo Wedekind", começa com a análise dos sonhos e das fantasias dos púberes representados na peça teatral, para responder à primeira hipótese auxiliar: os sonhos e as fantasias dos adolescentes representados por Wedekind demonstram uma relação particular entre o sentido e o gozo próprio da puberdade em geral? Nessa análise encontramos uma grande coerência psíquica dos personagens e uma intuição maior do artista de que o gozo e o sentido se unem nas formações do inconsciente e se desamarram na angústia.

Na seção "Sentido e gozo no sonho" descobrimos com surpresa que Wedekind diferencia literariamente os sonhos infantis dos sonhos dos púberes, nos quais não há realização de desejos direta, mas deformação onírica, metonímias e metáforas que os tornam uma realização disfarçada de desejos reprimidos e nos quais aparece, embora velado, o conteúdo sexual. Conseqüentemente, há na puberdade a repressão que não havia na infância.

Recorremos à interpretação de Freud de um primeiro sonho, o de Maurício⁶, personagem da peça teatral, no qual se revela a preocupação com a sexualidade como o conteúdo latente do sonho, que a preocupação diurna com as tarefas escolares não somente cobre, como também estorva. Isso chega a um paroxismo dramático, porque se estende a uma dificuldade escolar do personagem, que manifesta um não saber sexual que faz com que sua cabeça esteja em outro lugar. Seu "fracasso escolar" o levará ao suicídio no final da peça.

A amarração entre gozo sexual e sentido inconsciente do sonho é analisado em "Um lampejo de fetichismo", em virtude do sonho de Maurício representar uma mulher apenas de maneira parcial, uma parte pelo todo, e nisso satisfazer

um gozo fálico mediante uma vertente pseudofetichista. Isso começa a responder a questão de se o adolescente, compelido pela eleição sexual do seu ser, pode situar-se frente ao gozo fálico. O que se encontra em Maurício é que ele vacila, não se situa de maneira decidida do lado "macho" das fórmulas da sexuação, ou seja, goza falicamente de uma mulher situada em posição de objeto que causa seu desejo, mas parece que busca nela, de modo indeciso, um aspecto fálico. Não resolveu de modo definitivo sua relação com a castração materna, tampouco elabora um fetiche como condição para o amor. Recorremos aqui a referências de Lacan⁷ para esclarecer o lugar do fetichismo no amor masculino e, por contraste, o fracasso de Maurício em amar de modo fetichista uma menina, refugiando-se em uma erudição inútil que não decifra seus verdadeiros problemas éticos com sua sexualidade, o que o coloca em um *impasse*⁸. Apesar dessa singularidade, essa análise indica uma via em que muitos adolescentes encontrariam a solução para a emergência do gozo fálico, elevando o fetiche à dignidade de uma condição de amor para poder amar uma menina, resolvendo sua posição frente à própria castração e, fundamentalmente, frente à castração materna.

A seção "Sonho, crueldade e masoquismo" analisa um sonho cruel de outro personagem, Melchior, que na peça se junta com um sonho masoquista de uma menina, Wendla. Aqui usamos a interpretação de Freud dos sonhos cruéis⁹ referidos a pessoas queridas, e com esse viés os sonhos são interpretados, encontrando em Melchior o despertar de uma pulsão agressiva manifesta no sonho, usada como pulsão de domínio do objeto sexual, e em Wendla uma posição masoquista, reforçada, com grande coerência psicológica pelo artista, por uma inclinação à caridade e uma identificação histérica a uma amiga castigada.

Se o sentido se une ao gozo fálico - como demonstra Freud com sua interpretação do primeiro sonho¹⁰ - (embora

no sonho de Maurício o olhar também estivesse envolvido), no caso da crueldade e do masoquismo já não se trata desse tipo de gozo. Aqui o sentido e o gozo se desamarram, e aparece outra pulsão que se expressa em crueldade e agressividade e que só secundariamente, no caso da pulsão de domínio, se articularia à pulsão sexual. Por outro lado, a sexualidade da menina é atrelada a uma fantasia masoquista que tende a realizar. Os freudianos a chamarão de "sexualidade pregenital"¹¹. Isso determina a introdução de considerações sobre o chamado "masoquismo feminino" na adolescência e no surgimento de um gozo da voz, que é o que comanda a fantasia, ou seja, um gozo do objeto *a* e não um gozo fálico. Pouco a pouco, isso responde às seguintes hipóteses auxiliares: os sonhos e as fantasias dos adolescentes representados por Wedekind demonstrariam uma particular relação entre sentido e gozo, próprio da adolescência em geral, e essa relação seria de amarração ou de desprendimento? Verificamos que o "ou" não deve ser exclusivo, mas inclusivo.

Esses sonhos servem de prelúdio a uma situação analisada no capítulo "Bate-se em uma menina", pois os sonhantes têm um primeiro encontro sexual sem coito em que Wendla, "a masoquista", obriga Melchior, que teve o sonho cruel, a bater nela, embora no final este fuja chorando. Ou seja, Wendla passa de um sonho: "apanhar do pai" a uma fantasia que põe em ato "apanhar de um menino". Inspirados na análise de Freud em *Bate-se em uma criança*, os tempos dessa fantasia fundamental são analisados em Wendla.

Isso leva à elucidação do tema da seção "O masoquismo feminino é uma fantasia masculina". Na cena de Wendla com Melchior, seu gozo só é masoquista aparentemente, pois ela consegue de modo sádico provocar nele uma divisão subjetiva. Questiona-se assim o chamado "masoquismo feminino". Na passagem para a puberdade, da sexualidade autoerótica à sexualidade que envolve o corpo do outro, o

sujeito é conduzido a um heteroerotismo.

Entretanto, tanto em Maurício quanto em Wendla, suas fantasias edípicas, fetichistas ou masoquistas fracassam na abordagem do casal sexual. Sem dúvida, a pantomima sofredora, descritivamente masoquista, pode ser apenas uma operação que indica a produção da metáfora do amor, como parece ser a situação de Wendla, cedendo à fantasia de um homem para ser amada, como o caso da fantasia sádica subjacente no sonho de Melchior, e como também acontece com muitas outras adolescentes que se lançam em uma servidão sexual voluntária para tratar com isso de garantir o amor do outro e não perdê-lo, um amor que estenda o véu sobre sua castração. Aqui surge um gozo infinitizado, despreendido do sentido, ao qual se retorna em trechos posteriores desse texto.

O capítulo 2, "Os véus do pudor", apresenta quatro seções referidas ao fato emergente na peça teatral, isto é, a aparição do pudor e da vergonha nos personagens. Sua discussão por parte dos púberes demonstra, ao mesmo tempo, que eles são vistos como objeto que causa o desejo ou como instrumento de gozo do outro, mas também que eles veem, ou seja, objetivam o outro em seu olhar. Isso permite localizar o pudor na sexualidade desses púberes a partir das referências psicanalíticas, como uma reação à emergência do olhar sexualizado, reação ao olhar como objeto a. Assim se começa a responder com a hipótese auxiliar, que pergunta: tem o pudor um estatuto particular na puberdade, como resposta subjetiva ao olhar sexualizado do outro ou a outro objeto que causa o desejo?

Na seção seguinte se estuda "O pudor nos escritos freudianos". Freud o pensa ao lado da vergonha, do asco, da compaixão e da moralidade como os diques culturais construídos durante a latência que poderiam conter o despertar das pulsões sexuais e cruéis no momento da puberdade. O nascimento desses sentimentos impõe na

puberdade uma mudança em relação às suas condutas sociais, que implicam de maneira direta seu corpo e, com ele, seu gozo. O olhar, a nudez, a exibição são questões que aparecem como interrogação nesse momento da vida e que antes não constituíam uma preocupação. A maneira de abordar essas questões e a orientação dos pais e mestres começa a ser questionada por Freud em seus escritos. Assinalamos a função do véu, enfatizada por Lacan em seu comentário sobre a peça teatral, como o que cobre o púbis para o público¹².

A seção "Pudor e feminilidade" introduz um novo elemento na argumentação sustentada até aqui: como diz Lacan, "a vergonha não se inscreve senão em relação com o outro"¹³. Disso decorre que uma das primeiras confrontações sexuais das meninas púberes seja o encontro com o olhar do outro que, por ocasião de sua metamorfose, as olha de modo diferente. Freud acha que o sentimento do pudor se constitui nas meninas de maneira diferente dos meninos¹⁴, e em sua feminilidade, isso diz respeito a um fator estrutural nos fatores sociais da educação sentimental das meninas. Para Lacan¹⁵, essa função estrutural da feminilidade tem a ver com a mascarada consistente em cobrir o que falta. Nessa função insinua ter o que não tem, e consiste também em um velamento da castração, velar a ausência. O véu cumpre uma função análoga ao fetiche no caso dos seres sexuados de modo masculino. Isso se enquadra na teoria de Freud, que sob a designação do *penisneid*¹⁶, pensa que, desde o ponto imaginário e simbólico, a feminilidade está marcada por um menos, embora no real não lhe falte nada. Trata-se de outro momento de amarração entre sentido e gozo fálico, mas que além disso implica o olhar, ou seja, o objeto a com valor fálico, que parece não estar afetada pelo menos da castração.

Em "Pudor e olhar" esses elementos se relacionam a partir de outra perspectiva: aquela sugerida por Lacan¹⁷ para ir mais além de Freud, ou seja, sua leitura da

Fenomenologia do Olhar de Jean-Paul Sartre¹⁸. Isso se aplica à conversação dos púberes de Wedekind, que sustentam posições, como filósofos livres-pensadores, sobre o pudor e sua comunidade de pares em reconhecimento. Somos conduzidos a inferir, de modo psicanalítico, que as práticas adolescentes que incluem o olhar na sexualidade são um passo para sair do solipsismo do gozo até a construção da noção do *corpo próprio* em relação ao corpo do outro. Porém, isso tem que passar pela objetivação de si mesmo pelo olhar do outro, para que algo do seu *para-si* chegue através do *para-outros*, e assim ter uma ideia de seu próprio *em-si*. Tudo isso é possível a partir de uma relação *amboceptiva*¹⁹ que inclui o olhar do semelhante. Ou seja, requer converter-se no objeto do olhar do outro, sem outra alternativa. Esse movimento dá origem a um "nós", a uma comunidade imaginária com seus pares, tão fundamental na adolescência.

Seguindo Jacques-Alain Miller²⁰, nessa seção se revela como a vergonha é um afeto primário da relação com o outro, anterior à culpabilidade, como demonstra a peça do dramaturgo. A vergonha, desde esta perspectiva, é uma construção imaginária que emerge a partir do momento em que o sujeito é objetivado pelo olhar suposto do outro.

A seção termina com uma referência absolutamente inesperada de Lacan²¹, na qual eleva o pudor como única virtude analítica suscetível de amarração borromeana dos registros Real, Simbólico e Imaginário, que se oporia a que os não impudicos errem.

A seção "Uma fantasia de nudez paradisíaca" liga a reflexão que vem se desenvolvendo sobre o pudor à fantasia coletiva de nudez cândida, que é o paraíso e as construções literárias de uma infância desprovida de pudor, e o nascimento do saber sexual articulado à vergonha e à culpa. Nessa literatura se destaca o conto de Longo sobre *Dafne e Chloe*²², também lido por Lacan²³, que encadeia nossos

argumentos com o encontro sexual dos adolescentes e suas consequências em seu despertar para o real. O saber sexual vem nos filhos do homem, do Outro, encarnado, por exemplo, em Lycenia, porque não há saber sexual instintivo nos humanos. E esse saber que falta é o que leva Lacan a dizer que não há relação (*rapport*) sexual.

Isso nos conduz ao capítulo 3 desse livro: "Do despertar da primavera ao despertar do real", no qual se pretende demonstrar parcialmente a hipótese auxiliar, em que nos perguntávamos se, ali onde os fenômenos de sentido, imaginários e simbólicos convidam o sujeito púbere a continuar dormindo, seu despertar pulsional implicará um despertar para o real? As quatro seções desse capítulo tratam de dar sentido ao termo "despertar", que tanto Freud quanto Lacan retomam não só para designar a passagem da vida onírica para a vida de vigília, mas também como metáfora da emergência do gozo fálico e o momento de encontro com o real da sexualidade e suas vicissitudes, para conduzi-las ao que significa o despertar na puberdade, pois Lacan põe como *a priori* o despertar adolescente dos sonhos, para poder se encontrar com o outro sexo²⁴. Assim é possível avançar na explicação do título do presente texto: *Despertar da adolescência*. O fio condutor é a angústia, ou bem aquela que aparece nos púberes de Wedekind após o sonho, ou a dos sonhos de angústia que levam ao despertar apresentados por Freud.

A seção seguinte se dedica a elucidar o que é "O despertar em Freud". Para esse autor, o trabalho da elaboração onírica começa na vida desperta²⁵, o que permite perguntar: quão despertos estamos na vida de vigília, quando a fantasia, o devaneio e as ilusões dominam a vida desperta? O despertar traz para Freud um problema epistêmico: se o sonho é o guardião do sono, que ocorre nos sonhos que fazem despertar na metade do sono?

Freud narra um sonho que se tornou paradigmático do

sonho de angústia, o de um pai que, velando seu filho sonha, no quarto contíguo, que este vem à sua cama para recriminá-lo de que seu cadáver ardia, o que efetivamente está ocorrendo: "Pai, não vês que estou queimando?"²⁶. Os sonhantes de Wedekind manifestavam um componente de angústia ligado a seus sonhos. Freud caracteriza os sonhos de angústia como sonhos de despertar; neles se questiona a ética do sujeito, ou seja, que um gozo está em jogo, mais além do princípio do prazer²⁷. É inclusive a satisfação de uma instância psíquica, o id ou o supereu, contra o eu; corresponde a uma satisfação que envolve as misteriosas tendências masoquistas do eu.

Na seção "Algumas coordenadas do *Prefácio* de Lacan" é enunciado o contexto no ensino de Lacan desse escrito de 1º de setembro de 1974.

A função dessa seção é mostrar um *marco teórico* de Lacan, que permita compreender as afirmações que aparecem no *Prefácio ao Despertar da primavera*, no qual não estão desenvolvidos os conceitos que usa, porque a intenção inicial de sua escrita foi a de aparecer no folheto que apresentava a obra quando estreou em Paris. Esse documento aparece no intervalo entre o Seminário 21, "Les-non-dupes-errent", e o Seminário 22, "R.S.I.". Neles há referências muito precisas da perspectiva que a peça de teatro aborda, porque Lacan está pensando a relação entre o gozo e o sentido.

Além disso, o *Prefácio* é um texto precedido de maneira imediata pela "Improvisação: desejo de morte, sonho e despertar"²⁸ e sucedido tanto pela "Conferência à imprensa no Centro Cultural Francês em 20 de outubro de 1974"²⁹, como pela sua intervenção chamada "A terceira", no VII Congresso de Psicanálise em Roma, em 1º de novembro de 1974³⁰. Isso situa o *Prefácio* no último ensino de Lacan, no qual já introduz o nó borromeano e a teoria dos gozos, assim como as fórmulas da sexuação³¹, e questiona muitos de

seus próprios fundamentos: o Outro, o símbolo fálico, a palavra como comunicação. Além de pluralizar os Nomes-do-Pai, propõe uma disjunção entre o gozo e o Outro, o significante e o significado, o homem e a mulher. Também já fala do gozo do Um e de *lalíngua*, entre outros conceitos, que vão se definindo conforme aparecem na argumentação.

Isso nos conduz à seção "O despertar em Lacan", que parte da mesma análise do sonho citado por Freud e no qual reafirma que o inconsciente é ético e isso se destaca tanto no sonho de angústia como no despertar. Nela, Lacan liga a fala significante do sonhador ao real manifesto na angústia³², do mesmo modo que os púberes de Wedekind que, acossados por excitações sexuais e sem um saber ético a respeito, manifestam seu conflito psíquico com a angústia diante da impossibilidade da elaboração significante. A visão atroz do sonho do menino ardendo remete a um mais além do sonho, do inconsciente, do princípio do prazer; nela há uma ameaça do real que leva ao despertar... "para continuar dormindo", diz Lacan³³, o que é enigmático.

A seção "Despertar mais além do sonho" entra na elucidação desse enigma, pois puberdade é um dos nomes do despertar. A descoberta desse trabalho sobre esse tema é que os discursos, o significante, a fantasia, o inconsciente, o imaginário, o simbólico e o sentido, adormecem. A angústia desperta o sujeito para que ele se refugie no sentido, que lhe dá a homeostase do princípio do prazer, fugindo do gozo que o empurra para mais além dele mesmo. Volta a aparecer a oposição entre gozo e sentido. Surge inclusive uma afirmação contundente: despertar para o real é impossível, trata-se de um encontro do qual o sujeito foge para se refugiar no *automaton* significante. Isso porque, por exemplo, a fantasia sustenta a ficção da relação sexual. O que acarreta que o encontro com a não-relação sexual é de modo essencial o trauma da puberdade, o real que a confronta. Como esse despertar para o real é

impossível, os adolescentes podem responder com condutas de risco, beirando o suicídio e a morte, como ocorre com dois personagens da peça teatral.

Estas considerações nos levam diretamente à seção seguinte, "Despertar da puberdade", que dá sentido ao título desse livro, porque aplica as definições anteriores do despertar em Freud e em Lacan ao despertar da adolescência em geral. O púbere dirige uma irrupção de gozo para o real, a libido, ou seja, um real marcado pela linguagem que leva à sexuação dos seres falantes. O encontro heterossexual de dois adolescentes na peça de teatro ratifica seu desencontro, quando uma aspirava o amor e o outro somente o gozo, em virtude da divisão subjetiva entre a corrente terna e a sensual. Trata-se da encenação da não-relação sexual, que vale sem dúvida para todos; como diz Lacan, o despertar para esse desencontro é sempre singular para cada um.³⁴ Esse encontro malogrado também tem suas variações sociais e culturais, mas é ao mesmo tempo profundamente subjetivo. As palavras falham em se articular ao gozo sexual em jogo. A irrupção de gozo, na ausência de um saber fazer frente ao outro sexo, produz um despertar traumático para o fato de que não há harmonia sexual entre os humanos. A isso cada um responde à sua maneira, como pode; sempre, entretanto, de modo falho. Isso configura sua adolescência, como sua resposta social, mas com sua fantasia ou seu sintoma singular. Cabe a cada sujeito inventar uma resposta própria menos catastrófica, reduzindo o dano, por si mesmo inevitável, pois na puberdade ocorre que a sexualidade fura o real e, quando se trata para os rapazes e as moças de fazer amor, têm que se deparar com isso. É um despertar que inclui o corpo, já não unicamente como imagem, mas também como sede de gozo. Ali acontece uma passagem entre o menos de gozo na infância para um mais de gozo na puberdade. Para esse passo obrigatório que é a sexuação, as respostas são diversas. Poderão então aparecer

como respostas a heterossexualidade, a homossexualidade, a masturbação, o suicídio, a fuga, a agressividade, como se verá nas seções seguintes.

Assim chegamos ao capítulo 4, "Sexuação dos adolescentes". Essa parte é composta de cinco seções construídas para responder à hipótese auxiliar, que questionava: a passagem possível da sexualidade por outro corpo permitirá ao sujeito na puberdade se encontrar com o impossível da harmonia com outro sexo? Será este seu despertar para o real? Nessas seções se interroga a sexuação dos púberes sobre o fundo da tendência do simbólico e do imaginário a criar um todo harmônico, pleno de sentido, ali onde para cada um se apresenta um fragmento de real no encontro com a não-relação sexual.

Na seção "A rainha sem cabeça" é feita uma reflexão sobre uma passagem da peça de Wedekind na qual se introduz um relato sobre a dita rainha, que os seguidores de Freud, na discussão do drama na Sociedade Psicanalítica de Viena, interpretam de uma forma completamente confusa³⁵. Lacan propõe como interpretação a aspiração para a harmonia dos sexos como pano de fundo da história³⁶, embora também evoque a cabeça de Medusa que, segundo a interpretação freudiana, com a multiplicidade de seus cabelos serpentes aterra o observador por evocar a carência absoluta, ou seja, a castração, em um movimento em que a falta está escondida, não sem por isso deixar de ser eficaz em sua ocultação.

Em seguida, em "O real e o sentido na sexualidade adolescente", se pensa novamente a dimensão traumática por excelência do encontro sexual na puberdade. Para Freud, isso corresponde ao advento do sentido, de acontecimentos vividos na infância e que permaneceram até a puberdade como desprovidos de sentido e que, não obstante, são uma escrita amarrada a um gozo³⁷. Essa marca é reativada com atraso em relação à sua vivência, no tempo de compreender o que é a

puberdade. Por isso se ativa o momento de concluir sob a forma da produção da adolescência como sintoma da puberdade, ou seja, como resposta sintomática para essa compreensão puberal do acontecimento sexual infantil incompreendido, e que pode equivaler a uma fantasia remetida à infância para interpretar alguma moção pulsional edípica, na qual aparece um Outro gozador, que injeta no sujeito a sexualidade, ao colocá-lo como instrumento do seu gozo e de um saber sexual inédito que pode, por sua força traumática, permanecer reprimido, porém fixado no sujeito. Disso decorre que na puberdade a sexualidade, sempre traumática, produza um buraco no real do sujeito.

A seção "Sobre as fórmulas da sexuação" demonstra, portanto, as vias pelas quais na puberdade os sujeitos elegem seu ser sexuado de modo masculino ou feminino. Segundo Lacan, embora existam antecedentes edípicos que poderiam condicionar tal eleição, como por exemplo as identificações com as insígnias paternas ou maternas, a contingência dos encontros são as que resultam determinantes. Para Lacan³⁸, a eleição do ser sexuado se dá sob duas lógicas, mais além do ter ou não ter o falo, até onde chegou Freud. Nem sequer em ter o falo ou sê-lo, como Lacan enunciou na primeira parte do seu ensino³⁹. As fórmulas da sexuação são a resposta à não-relação sexual, o que responde positivamente à hipótese auxiliar, que interrogava: as posições femininas ou masculinas do ser, que são eleitas na adolescência, serão respostas particulares ao encontro com a não-relação sexual? Essas fórmulas, criadas a partir da teoria dos universais, distribuem o sexo em duas lógicas: a primeira, centrada no falo e independente da realidade biológica, propõe que os seres em posições masculinas do ser buscam no outro sexo o objeto que causa seu desejo, mesmo que para remetê-lo ao seu modo de sentir fálico da sexualidade. A segunda lógica se situa do lado das posições femininas do ser, nas quais

há a opção de ir buscar do lado masculino a sexualidade fálica no corpo do homem; essa opção, porém, não é obrigação, pois pode igualmente se oferecer como objeto que causa o desejo do outro, assim como se relacionar com o A barrado (Δ) - já que não há A mulher, como universal, mas a singularidade do "uma a uma" -, com o significante barrado do Outro, $S(\Delta)$. Ali se situa uma sexualidade não fálica, feminina, que envolve um gozo do Outro. Como respondem nossos adolescentes à não-relação sexual? Resolver essa questão é o objeto das seções que se seguem.

De fato, para responder à seguinte hipótese auxiliar - a sexuação implicaria para o adolescente se situar frente a dois gozos, o fálico, do objeto *a*, do sentido e o gozo do Outro? - a seção "A eleição homo nos adolescentes" apresenta, a partir de exemplos da peça teatral de Wedekind, como neles a eleição homossexual parte do lado masculino da sexuação para passear no lado feminino e logo retornar, se devolver ao seu próprio sexo, encontrando um outro igual e rechaçando nessa eleição o outro sexo, que é uma mulher por excelência, como ser sexuado do modo feminino. Inclusive eleger uma mulher não quer dizer que a ame de modo heterossexual, quando busca reduzi-la ao mesmo, ao homo e excluir sua heterogeneidade, seu inquietante capricho, o sem lei do gozo Outro.

Além disso, na seção "O encontro com o Outro sexo" se argumenta, a partir do coito de Wendla e Melchior no drama de Wedekind, como esse encontro, entretanto, é um desencontro pela lei que rege os humanos.

Do mesmo modo se ilustra, não com Wendla, mas com Maurício, como alguém ao se excetuar - e se exilar - da lei do para-todos que rege a sexualidade masculina, se situa do lado feminino das posições do ser. O que traumatiza a maioria dos púberes é o encontro com o outro sexo, porque é o encontro com essa lei difícil de assimilar que os lança no mal-entendido dos sexos. Assim, enquanto a menina

buscava o amor, o menino pretendia o gozo fálico. Eis, em termos dramáticos, uma das versões do desencontro. Do lado de Melchior se verifica como o fato de permanecer como um entre outros pode permitir que seu ser encontre sua sexuação do lado masculino, que vá buscar do outro lado das fórmulas o hetero, o alter, do mesmo. No entanto, o dramaturgo intui e ilustra como Maurício pode se colocar como uma criança em relação com o Outro gozo.

O capítulo 5 e último do texto foi chamado "O exílio, os Nomes-do-pai e o gozo Outro na adolescência". Este se compõe de quatro seções nas quais se responde às hipóteses auxiliares assim formuladas:

- O encontro com a não-relação sexual do púbere o compele a um exílio estrutural com seu gozo, reforçado pelo exílio social, sexual, familiar, escolar?

- O suicídio, a errância, as passagens ao ato, as perversões em adolescentes serão respostas para o despertar do real da puberdade? Nessas seções se ilustra o exílio radical dos adolescentes na resposta singular ao não-há da proporção sexual. Lacan declara inclusive que não há melhor palavra do que "exílio" para designar essa não-relação que gira ao redor do que há nos exílios⁴⁰. O encontro puberal com esse não-há faz com que a adolescência, como resposta a essa não-relação, seja aquilo que por excelência evidencia o exílio de cada um em seu gozo. O que resta dessa não-relação em cada um é seu *sinthome*.

A seção "A masturbação nos púberes" ilustra, a partir de uma referência precisa da peça de Wedekind, o exílio no gozo Um dos púberes, no gozo do idiota, dirá Lacan⁴¹. Para Freud, no entanto, constitui um tema frequente de reflexão, embora só lhe tenha dedicado um pequeno artigo⁴². Apesar disso, recuperamos e traduzimos nessa parte do livro este material inédito em castelhano, que revela as precisas, vivazes e polêmicas intervenções de Freud sobre o tema, nas Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena.

Em seguida, a seção "O exílio do púbere da educação sexual" gira em torno do contexto histórico da peça, na qual imperava a repressão sexual e o ideal de manter ignorantes as mulheres e os adolescentes a respeito da questão sexual. As intervenções de Freud são recuperadas nas Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena⁴³, em que ele mesmo sustentou um duro debate contra a sociedade vitoriana, precisamente por esse aspecto repressivo sobre a sexualidade.

Em "Morte e suicídio adolescente", o aspecto trágico do drama de Wedekind chega ao clímax com o suicídio de Maurício e a morte de Wendla, depois que a mãe faz um estrago, ao obrigá-la a fazer um aborto. O suicídio adolescente era - e continua sendo - um problema crucial nesse momento de difícil transição que é a puberdade.

Por isso apresentam referências de Freud a respeito⁴⁴, pertinentes à reflexão, e também as reflexões de Lacan sobre a tendência ao suicídio das crianças não desejadas pela instância parental⁴⁵.

A seção "O homem mascarado" responde à última hipótese auxiliar: o que significa dizer que o encontro com "o homem mascarado", ou seu equivalente social, seja um possível Nome-do-Pai que faça um adolescente apegar-se à vida? Essa seção introduz uma pequena alternativa, que tira da impotência diante do impossível presente no encontro com a não-relação sexual e as respostas sintomáticas do adolescente. Wedekind apresenta em seu drama uma possibilidade de resposta social ou terapêutica: "o homem mascarado" que, embora seja também um semblante, pode funcionar como Nome-do-pai, já não encarnado no pai da realidade, mas talvez no professor, no treinador esportivo, em um amigo um pouco mais velho ou em um psicanalista, pois muitas vezes a contingência faz com que um adolescente encontre um psicanalista e este, como homem mascarado, pode acompanhá-lo em sua invenção singular, para sair do *impasse*

do despertar de sua adolescência⁴⁶.

Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa.

¹ RAMÍREZ, M. E. (2014). *Despertar de la adolescencia. Freud y Lacan lectores de Wedekind*. Buenos Aires: Grama Ediciones.

² FREUD, S. (1979/1900). "La interpretación de los sueños". In: *Obras completas*, vols. IV e V. Buenos Aires: Amorrortu.

³ WEDEKIND, F. (1960). "Frühling Erwacher Eine Kindertagödie". In: *Prosa, Dramen Verse*. Múnich: A. Langen e G. Muller Eds., p. 80-105.

⁴ LACAN, J. (2003/1974). "Prefácio a *O despertar da primavera*". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

⁵ FREUD, S. et. al. (1976/1906-1908). "Séance du 13 de février de 1907". In: *Les premiers psychanalystes: minutes de la Société psychanalytique de Vienne*, vol. 1. Paris: Gallimard, p. 133-140.

⁶ IDEM. *Ibid.*, p. 135.

⁷ LACAN, J. (1995/1956-1957). *Le séminaire, livre IV: la relation d'objet*. Paris: Seuil, p. 155-156.

⁸ Impasse devido ao seu próprio questionamento das coordenadas edípicas, porque não lhe servem mais as identificações paternas que o orientavam e se revela contra a autoridade. O que o deixa desorientado e angustiado e, se não construir novas coordenadas, pode ser levado ao pior.

⁹ FREUD, S. (1979/1900). "La interpretación de los sueños". In: *Obras completas*, vol. IV. Op. cit., p. 296-299 e 311.

¹⁰ FREUD, S. et. al. (1976/1906-1908). "Séance du 13 de février de 1907". Op. cit., p. 135-136.

¹¹ Por exemplo, Karl Abraham, Donald Winnicott, Arminda Aberastury, entre muitos outros.

¹² LACAN, J. (2003/1974). "Prefácio a *O despertar da primavera*". Op. cit., p. 558.

¹³ IDEM. (1952-1953). "Sobre el hombre de los lobos". Seminário inédito.

¹⁴ FREUD, S. (1976/1898). "La sexualidad en la etiología de las neurosis". In: *Obras completas*, vol. III. Op. cit., p. 252.

¹⁵ LACAN, J. (1966-1967). "A lógica da fantasia". Seminário inédito, lição de 12 de abril de 1967.

¹⁶ *Penisneid* designa a "inveja do pênis". Nas primeiras teorias sobre a sexualidade feminina, Freud atribuía às meninas um raciocínio inconsciente no qual podiam desejar dito órgão, enquanto representante de vantagens sociais que recebia a masculinidade. Portanto, por uma transação inconsciente, podia trocar esse desejo de ter um filho do pai e depois um filho de outro homem. A saída pela maternidade representava para Freud a satisfação daquela antiga aspiração de ter um pênis, pela equação simbólica, segundo a qual eram equivalentes criança, pênis, presente, etc. Freud sustenta esta ideia em vários lugares de sua obra, como em: FREUD, S. (1976/1917). "Sobre las transposiciones de la pulsión, en particular del erotismo anal". In: *Obras completas*, vol. XVII. Op. cit., p. 119.

¹⁷ LACAN, J. (1986/1953-1954). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 246.

¹⁸ SARTRE, J.-P. (1984). *El ser y la nada*. Madrid: Alianza.

- ¹⁹ Certo sentimento de unidade psíquica com outro. Termo proposto por Lacan, por exemplo, em: LACAN, J. (1995/1956-1957). *Le séminaire, livre IV: la relation d'objet*. Op. cit., p. 316.
- ²⁰ MILLER, J.-A. (2004). "Nota sobre la vergüenza". In: *Freudiana*, nº 39. Paris: ECF, p. 7.
- ²¹ LACAN, J. (1976-1977). "L'insu qui sait de l'une-bévue s'aile à mourre". Seminário inédito, lição de 12 de março de 1976.
- ²² Longo, Dafnis y Cloe. Ver em: (1992). *Referencias en la obra de Lacan*, ano 1, nº 3. Buenos Aires: Biblioteca de la Casa del Campo Freudiano, p. 27-44.
- ²³ LACAN, J. (1973/1963-1964). *Le séminaire, livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, p. 181-186. Ver também: LACAN, J. (1966/1958). "La signification du phallus. Die Bedeutung des Phallus". In: *Écrits*. Paris: Seuil, p. 687.
- ²⁴ IDEM. (2003/1974). "Prefácio a *O despertar da primavera*". Op. cit., p. 561.
- ²⁵ FREUD, S. (1979/1900). "La interpretación de los sueños". In: *Obras completas*, vol. IV. Op. cit., p. 220.
- ²⁶ IDEM. (1979/1900). "La interpretación de los sueños". In: *Obras completas*, vol. V. Op. cit., p. 220.
- ²⁷ Para Freud há uma responsabilidade moral do sujeito, inclusive pelo conteúdo de seus sonhos, isto é, que o sujeito é responsável pelo inconsciente, enquanto para a opinião corrente o sujeito não é responsável por seus atos inconscientes e suas consequências. Pois bem, o conteúdo dos sonhos é sexual ou agressivo, implica um gozo, e ali onde há gozo Freud conclama o sujeito da ética a se responsabilizar por isso. A respeito ver: FREUD, S. (1979/1925). "Algunas notas adicionales a la interpretación de los sueños en su conjunto". In: *Obras completas*, vol. XIX. Op. cit., p. 134.
- ²⁸ LACAN, J. (1981). "Improvisation: désir de mort, rêve et réveil". In: *L'Ane*, nº 3, p. 3.
- ²⁹ IDEM. (1975). "Conférence de presse du Dr. Lacan, le 29 Octobre 1974, au Centre Culturel Français". In: *Lettres de l'École Française de Psychanalyse*, nº 16. Paris: EFP, p. 6-26.
- ³⁰ IDEM. (1975). "La troisième". In: *Lettres de l'École Française de Psychanalyse*, nº 16. Op. cit., p. 177-203.
- ³¹ Desenvolvidas no capítulo 4 desse texto.
- ³² LACAN, J. (1973/1963-1964). *Le séminaire, livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Op. cit., p. 35-36.
- ³³ IDEM. *Ibid.*, p. 58.
- ³⁴ IDEM. (2003/1974). "Prefácio a *O despertar da primavera*". Op. cit., p. 561.
- ³⁵ IDEM. *Ibid.*, p. 562-563.
- ³⁶ IDEM. *Ibid.*, p. 563.
- ³⁷ FREUD, S. (1982/1950[1895]). "Proyecto de psicología". In: *Obras completas*, vol. I. Op. cit., p. 400.
- ³⁸ LACAN, J. (1975/1972-1973). *Le séminaire, livre XX: encore*. Paris: Seuil, p. 73.
- ³⁹ IDEM. (1966). "Propos directifs pour un Congrès sur la sexualité féminine". In: *Écrits*. Op. cit., p. 704.
- ⁴⁰ IDEM. (2005/1975-1976). *Le séminaire, livre XXIII: le sinthome*. Paris: Seuil, p. 70.
- ⁴¹ IDEM. (1975/1972-1973). *Le séminaire, livre XX: encore*. Op. cit., p. 75.

⁴² FREUD, S. (1980/1912). "Contribuciones para un debate sobre el onanismo". In: *Obras completas*, vol. XII. Op. cit., p. 253-263.

⁴³ FREUD, S. et. al. (1976/1906-1908). "Séance du 13 de février de 1907". Op. cit., p. 115-121.

⁴⁴ FREUD, S. (1979/1910). "Contribuciones para un debate sobre el suicidio". In: *Obras completas*, vol. XI. Op. cit., p. 231-232.

⁴⁵ LACAN, J. (1998/1957-1958). *Le séminaire, livre V: les formations de l'inconscient*. Paris: Seuil, p. 245.

⁴⁶ *Impasse* devido ao seu próprio questionamento das coordenadas edípicas, porque já não lhe servem as identificações paternas que o orientavam e se revela contra a autoridade. O que o deixa desorientado e angustiado e, se não construir novas coordenadas, pode ser levado ao pior.